



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

ÉVELYN MORGANA DE MÉLO ALVES

**VIVÊNCIAS DE TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL
NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

**CAMPINA GRANDE
2021**

ÉVELYN MORGANA DE MÉLO ALVES

**VIVÊNCIAS DE TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL
NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Saúde Mental e Trabalho

Orientador: Prof. Me. Luann Glauber Rocha Medeiros

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474v Alves, Évelyn Morgana de Mélo.
Vivências de trabalho de professores do ensino fundamental no contexto da pandemia da Covid-19 [manuscrito] / Evelyn Morgana de Melo Alves. - 2021.
43 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Luann Glauber Rocha Medeiros ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Psicodinâmica do trabalho. 2. Professores. 3. Ensino fundamental. 4. Pandemia. I. Título

21. ed. CDD 158.7

ÉVELYN MORGANA DE MÉLO ALVES

VIVÊNCIAS DE TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento do Curso de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Saúde Mental e
Trabalho

Aprovada em: 24/11/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Luann Glauber Rocha Medeiros (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Valéria Moraes da Silveira Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus avós Pedro José de Mélo (in memoriam) e Maria de Lourdes Silva de Mélo, com todo amor do mundo, por sempre terem acreditado em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por tudo o que tem feito na minha vida.

Aos meus pais, minha irmã e meus avós, que sempre fizeram de tudo para me oferecer um futuro melhor. Por todos os sacrifícios, todas as palavras de incentivo, apoio e encorajamento, por todo o amor, carinho e cuidado, por sempre estarem ao meu lado e serem a melhor família que eu poderia ter.

A mim mesma, pela força, dedicação e insistência, por ter dado o meu melhor ao longo da graduação, apesar de todas as dificuldades encontradas no caminho. Eu sinto muito orgulho de onde eu cheguei e fico muito feliz por ter feito as escolhas certas.

Ao meu orientador, Luann Glauber Rocha Medeiros, por toda a paciência e dedicação, pelo cuidado e companheirismo ao longo da orientação. Sem ele, a realização deste trabalho não teria sido possível.

Aos meus amigos, que sempre estiveram comigo e tornaram essa experiência mais especial ainda. Obrigada por todo o incentivo e apoio, por todas às vezes que me escutaram falar dos meus problemas, por cada conselho e palavra de motivação. Vocês tiveram um papel muito importante na minha jornada e sem vocês, tudo teria sido bem mais difícil.

Por fim, um agradecimento especial a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Seja com seu apoio, ajuda, conselhos ou incentivo, suas ações serão lembradas e guardadas por mim com muito carinho. Obrigada!

RESUMO

Com a pandemia da Covid-19, a modalidade de Ensino Remoto Emergencial foi adotada como medida de prevenção e trouxe mudanças para o paradigma educacional, tornando-se a realidade de muitos professores. Diante disso, esta pesquisa orienta sua atenção para a rede pública de ensino e propõe-se a conhecer e analisar as vivências de trabalho de professores do Ensino Fundamental, inspirando-se em alguns conceitos da Psicodinâmica do Trabalho como referencial teórico. Quanto ao delineamento do estudo, trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, na qual realizaram-se entrevistas semiabertas com 05 professores. À luz de alguns conceitos da Psicodinâmica do Trabalho foi possível verificar que os docentes têm sofrido com a adaptação ao ensino remoto, sobretudo em relação à dificuldade de estabelecer uma comunicação efetiva com os alunos. A ausência do reconhecimento também tem sido observada nas vivências de sofrimento. Por outro lado, as estratégias defensivas coletivas têm fortalecido as relações de trabalho e despertado o engajamento e a cooperação entre os pares. Os dados foram analisados a partir de alguns conceitos da Psicodinâmica do Trabalho.

Palavras-chave: Psicodinâmica do trabalho. Professores. Ensino fundamental. Pandemia.

ABSTRACT

With the Covid-19 pandemic, the Emergency Remote Teaching modality was adopted as a preventive measure and brought changes to the educational paradigm, becoming the reality of many teachers. Therefore, this research directs its attention to the public education system and proposes to know and analyze the work experiences of elementary school teachers, drawing inspiration from some concepts of the Psychodynamics of Work as a theoretical framework. As for the study design, it's an exploratory research of a qualitative nature, in which semi-open interviews were carried out with 05 teachers. In light of some concepts of the Psychodynamics of Work, it was possible to verify that teachers have suffered from adapting to remote teaching, especially in relation to the difficulty of establishing effective communication with students. The absence of recognition has also been observed in the experiences of suffering. On the other hand, collective defensive strategies have strengthened work relationships and awakened engagement and cooperation among peers. Data were analyzed from some concepts of the Psychodynamics of Work.

Keywords: Psychodynamics of work. Teachers. Elementary school. Pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	O cenário do trabalho no Brasil frente à pandemia	10
2.2	Ensino remoto emergencial e a precarização do trabalho docente	11
2.3	Psicodinâmica do Trabalho	13
3	METODOLOGIA	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1	Adaptação às tecnologias	18
4.2	O sofrimento pelo distanciamento	20
4.3	Implicações do trabalho remoto na vida privada dos docentes	23
4.4	O reconhecimento frente ao trabalho remoto	26
4.5	O retorno parcial ao ensino presencial	28
4.6	O autocuidado e a gestão da saúde mental	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	38
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39
	APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ	42

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu as primeiras notificações sobre casos de pneumonia em Wuhan, na China, que mais tarde passaram a ser investigados sob a hipótese das infecções terem como causa uma nova cepa do Coronavírus (SOUZA, 2020). Com a confirmação das suspeitas e a eclosão da epidemia em Wuhan, a OMS confirmou, em março de 2020, tratar-se de uma pandemia e alertas foram emitidos internacionalmente (RAFAEL et al., 2020). Os países passaram a desenvolver estratégias de contenção e prevenção ao vírus denominado Covid-19, sendo o fechamento de algumas fronteiras uma das primeiras medidas tomadas em larga escala a fim de isolar os casos e impedir a disseminação do vírus. Seguindo as orientações da OMS, outras ações foram determinadas como o uso de máscaras, álcool em gel para higienizar as mãos e o distanciamento social.

Com a rápida disseminação da Covid-19, muitos países determinaram o estado de “*lockdown*” e isolamento social, o que resultou na suspensão de aulas por tempo indeterminado, redução considerável no funcionamento do comércio (apenas serviços essenciais permaneceram ativos) e recomendações para a realização do teletrabalho. Essa nova dinâmica provocou mudanças importantes no mercado de trabalho e impactos na saúde mental dos trabalhadores, que passaram a conviver com a incerteza da manutenção dos seus empregos e a insegurança da proteção da sua saúde física. Nesse sentido, o campo da Saúde Mental e Trabalho torna-se essencial para a análise e discussão dos impactos da pandemia da Covid-19 na saúde mental de trabalhadores.

Atentando-se para o contexto da educação, o Ensino Remoto Emergencial trouxe mudanças para o paradigma educacional e tornou-se a realidade de muitos professores. De acordo com um estudo realizado por Santos, Silva e Belmonte (2021), os docentes têm encontrado diversas dificuldades e desafios diante dessa nova modalidade de ensino, tais como a incompatibilidade do *homeoffice* com a vida pessoal, a falta de recursos e a tecnofobia. Além disso, Bailenson (2021) aponta em sua pesquisa as consequências do uso excessivo de plataformas digitais para chamadas de vídeos e reuniões, que são indispensáveis no que diz respeito à atuação de docentes no ensino emergencial. A sobrecarga cognitiva é uma das consequências analisadas no referido estudo e está relacionada ao esforço empreendido na comunicação não verbal e aos gestos utilizados nestas interações para

sinalizar algo que possuem significados diferentes daqueles utilizados em interações presenciais (BAILENSON, 2021). Considerando estas questões, as vivências e relações de trabalho dos docentes no contexto da pandemia da Covid-19 têm sofrido mudanças, surgindo, assim, a necessidade de analisar a rotina de trabalho destes profissionais imposta pela nova modalidade de ensino.

Diante disso, esta pesquisa orienta sua atenção para os professores da rede pública e propõe-se a conhecer e analisar as vivências de trabalho de professores do Ensino Fundamental, inspirando-se em alguns conceitos da Psicodinâmica do Trabalho como referencial teórico. Buscamos verificar os impactos da pandemia na rotina, nas relações de trabalho e na saúde mental dos professores, identificando as dificuldades encontradas nesse processo e as práticas de autocuidado, entre outros aspectos. Quanto ao delineamento, trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, na qual foram realizadas entrevistas semiabertas com professores de uma escola pública do interior da Paraíba. Os resultados obtidos foram investigados a partir de uma análise temática categorial dos dados, com o intuito de agrupar os temas que surgirem com mais frequência no discurso dos entrevistados para em seguida analisá-los a partir de alguns conceitos da Psicodinâmica do Trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O cenário do trabalho no Brasil frente à pandemia

Com a disseminação da Covid-19 pelo mundo, a Organização Mundial da Saúde emitiu uma série de orientações de medidas preventivas a serem tomadas para conter o avanço do vírus. O mercado de trabalho sofreu um forte impacto com a suspensão das atividades de serviços não-essenciais, com a demissão de trabalhadores, o aumento na procura por empregos com foco nas plataformas digitais e o declínio da estabilidade empregatícia. Os pequenos empreendedores que não tinham condições de manter seus empreendimentos de portas fechadas durante o período determinado pelo governo, declararam falência e buscaram novas alternativas para sobreviver.

Os profissionais que continuaram desempenhando suas atividades até mesmo durante a quarentena, os chamados trabalhadores essenciais, enfrentaram sentimento de insegurança relacionada à exposição ao vírus, ao medo de serem contaminados e contaminar a família. A demanda por serviços de *delivery*, por exemplo, cresceu exponencialmente e os entregadores têm se arriscado para garantir sua sobrevivência, assim como os motoristas de aplicativo, que atendem uma alta demanda e fluxo de pessoas. As condições de trabalho são precárias, nem sempre os equipamentos de proteção são providenciados pelas empresas e saem do bolso dos trabalhadores (PERES, 2020).

Dessa forma, a pandemia tem exigido do trabalhador a capacidade de adaptação a mudanças que provavelmente irão persistir por um longo prazo. No entanto, o trabalhador vive um dilema pois encontra-se vulnerável e fragilizado diante do cenário pandêmico, mas precisa do emprego para sobreviver. Como é destacado por Moraes et al. (2020) o privilégio de ter um emprego que garanta sua sobrevivência é uma prática que força os trabalhadores a serem gratos, independente dos riscos aos quais são submetidos e das consequências para a saúde mental. Esta afirmação não se resume a trabalhadores essenciais, mas também àqueles que exercem suas funções de forma remota e encontram dificuldades nesse processo, bem como têm sua saúde mental prejudicada.

Posto isso, os impactos da pandemia não se resumem ao mercado de trabalho e à economia, como o aumento do preço da gasolina, do gás de cozinha e dos alimentos (o que

tem gerado uma crise de fome no país), mas também à saúde mental. Em pouco tempo, houve um aumento expressivo no número de casos confirmados no país, assim como no número de vítimas. Em novembro de 2021, o número de óbitos por Covid-19 no Brasil chega a um pouco mais de 600 mil (BRASIL, 2021). Desde o início da pandemia, a população brasileira tem passado por um momento extremamente difícil, marcado pelo medo do vírus e pela dor do luto, das perdas de familiares, amigos e grandes artistas que inspiraram multidões, como os atores Paulo Gustavo e Nicette Bruno.

Apesar de tardio, o início da vacinação no Brasil em janeiro de 2021 foi um marco no combate à Covid-19 e um momento de alívio para a sociedade, trazendo uma esperança de melhora no cenário pandêmico. Aos poucos, alguns profissionais retornaram às suas atividades presenciais, seguindo todos os protocolos de biossegurança, enquanto outros permaneceram trabalhando de casa, como é o caso dos professores. Com o avanço da vacinação no país, as discussões sobre o retorno dos professores às salas de aula vieram à tona. Em agosto de 2021, os Ministérios da Educação e Saúde estabeleceram um protocolo para viabilizar o retorno às aulas de forma segura. Entre as medidas citadas estão a vacinação dos trabalhadores da educação, o uso de máscara, higiene das mãos, distanciamento entre mesas e cadeiras, etc (BRASIL, 2021).

No entanto, a volta às aulas presenciais ainda não é consenso, apesar da determinação de alguns estados de que esse retorno aconteça. Inclusive, essa medida tem sido colocada em prática em estados como Minas Gerais e São Paulo. As consequências só poderão ser avaliadas em um futuro próximo, mas existem diversas críticas e questionamentos quanto à segurança dos docentes, discentes e demais funcionários das instituições, assim como das pessoas do seu convívio.

2.2 Ensino remoto emergencial e a precarização do trabalho docente

A Educação à Distância (EAD) é uma metodologia de ensino em que a informação é transmitida à distância. A EAD se popularizou na década de 90, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e passou a ganhar espaço no cenário da educação. Com a evolução dos meios de comunicação e da tecnologia, a possibilidade de acesso à informação em diferentes locais tornou-se bastante atrativa. Mas apesar de possuir pontos positivos, como

os horários flexíveis, ainda há questionamentos quanto à qualidade do ensino (OLIVEIRA et al, 2019).

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) como medida de contenção ao Covid-19 tem exigido uma rápida adaptação das instituições educacionais, docentes e discentes. O estudo realizado por Santos (2020, apud SANTOS et al., 2021) em Portugal destaca algumas dificuldades e desafios enfrentados pelos docentes diante dessa nova modalidade de ensino, tais como: a percepção dos professores de estarem falando sozinhos devido a ação dos alunos de desativar câmera e microfone, a falta de recursos tecnológicos, sensação de perda da vida privada em decorrência da adaptação do trabalho em casa.

No entanto, faz-se necessário destacar que a Educação à Distância e o Ensino Remoto Emergencial são modalidades de ensino distintas, embora apresentem algumas semelhanças. O ERE surge como uma medida emergencial, portanto, temporária, a qual os professores tiveram de se adaptar, enquanto o EAD é uma prática totalmente voltada para o ensino virtual, com professores treinados e preparados para exercê-la.

Nesse sentido, é imprescindível analisar essas demandas no contexto da saúde mental e do trabalho. Com as mudanças no mercado de trabalho e o declínio da estabilidade dos empregos, a busca por resultados tem intensificado as cobranças por produtividade. O professor, nesse cenário, torna-se refém de metas e submete-se a pressões mentais e físicas para manter-se empregado (SANTOS et al., 2021).

A alta carga horária e o comprometimento permanente com o trabalho são fatores que corroboram para que o professor tenha uma rotina contínua, sem pausas, e sinta dificuldade para desligar-se de suas atividades. Além disso, a adaptação e transformação do ambiente familiar em um ambiente de trabalho é um desafio para os docentes que encontram dificuldades para manter a privacidade neste contexto.

Santos (2020, apud SANTOS et al., 2021) demonstra que as aulas online têm sido experiências negativas e evidenciam o esgotamento, a exaustão e desmotivação dos professores para lecionar aulas de forma não-presencial. Além disso, as atividades desenvolvidas pelos docentes não se resumem aos seus papéis pedagógicos, mas também a busca e pesquisa por tutoriais e cursos sobre a utilização das plataformas digitais necessárias para o ensino remoto, o que, muitas vezes, implica em aprender sozinhos a ter domínio destas ferramentas.

Segundo Baptista et al. (2019 apud SANTOS et al., 2021), no Brasil os professores ocupam a segunda colocação no ranking de doenças ocupacionais. De acordo com a literatura produzida sobretudo no campo da Saúde Mental e Trabalho, as fragilidades das relações trabalhistas prejudicam a saúde dos professores e profissionais da educação, evidenciando o adoecimento pela Síndrome de Burnout.

2.3 Psicodinâmica do Trabalho

Os estudos de Le Guillant (1984) marcaram as origens da Psicodinâmica do Trabalho, com o estabelecimento das relações entre trabalho e Psicopatologia. O autor desenvolveu o seu estudo mais famoso a partir da observação da atividade de telefonistas em Paris, no qual diagnosticou um distúrbio denominado de “Síndrome Geral de Fadiga Nervosa”. Segundo Merlo (2002), tal distúrbio era caracterizado por alterações de humor e caráter, alterações no sono e manifestações somáticas diversas.

Com a evolução e repercussão dos estudos sobre Psicopatologia do Trabalho, o termo passou a ser substituído por Psicodinâmica do Trabalho, ao assumir um olhar de prioridade ao estudo da normalidade sobre a patologia. Christopher Dejours é um dos principais autores citados quando se discute Psicodinâmica do Trabalho. O autor destacou-se ao inovar nos estudos de como a organização de trabalho atua sobre o aparelho psíquico, com o seu trabalho intitulado: “A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho” (MERLO, 2002).

Dejours (1993, apud MERLO, 2002, p. 132) afirma que o que importa para a Psicodinâmica do Trabalho é “compreender como os trabalhadores alcançam manter um certo equilíbrio psíquico mesmo estando submetidos a condições de trabalho desestruturantes”. Ainda segundo Dejours (1993), esta abordagem “propõe-se a estudar o espaço que separa um comportamento livre de um outro estereotipado” (apud MERLO, 2002, p. 132)

De acordo com Heloani e Lancman (2004, p.82), a Psicodinâmica do Trabalho busca estudar, ainda:

(...) os aspectos menos visíveis que são vivenciados pelos trabalhadores ao longo do processo produtivo, tais como: mecanismos de cooperação, reconhecimento, sofrimento, mobilização da inteligência, vontade e motivação e estratégias defensivas que se desenvolvem e se estabelecem a partir das situações de trabalho.

Alderson (2004), conforme citado por Bueno e Macedo (2012), descreve três premissas para a PDT: a autorrealização do sujeito, a relação do trabalho prescrito com o real e o desejo do julgamento do outro (reconhecimento). Os estudos de Dejours tem como foco entender como o sofrimento psíquico se faz presente nas relações de trabalho e as estratégias utilizadas pelos trabalhadores diante de situações de sofrimento. As estratégias de defesa estão pautadas no conceito de sublimação proposto pela Psicanálise, que consiste em um processo em que “as pulsões parciais encontram uma saída substitutiva em uma atividade socialmente valorizada” (MERLO, 2002). Diante disso, o real do trabalho pode ser considerado o ponto central da teoria, pois trata-se da distância entre as tarefas prescritas e o que de fato é possível ser realizado. É nesse percurso que as vivências de sofrimento podem surgir, assim como as mobilizações subjetivas que permitem que o sujeito se mobilize em busca de alternativas para lidar com as dificuldades.

Quando falamos em Psicodinâmica do Trabalho, estamos falando ainda da análise de três grandes categorias: a organização do trabalho, a mobilização subjetiva e o sofrimento e defesas. Nesse sentido, a organização do trabalho refere-se a divisão de tarefas e o modo como a instituição opera em termos de hierarquia e comando. Para o funcionamento da organização, é necessário que existam condições de trabalho favoráveis, como um ambiente físico apropriado, higiene e segurança. Além disso, dentro da organização os funcionários e os chefes estabelecem relações de trabalho e partir dessas relações, o sujeito se depara com diversas situações em que deve utilizar da sua inteligência prática para mobilizar-se diante de imprevistos e desenvolver suas próprias estratégias de enfrentamento. Dessa forma, uma vivência de sofrimento pode ser transformada em vivência de prazer. A cooperação entre os pares também aparece como uma estratégia de mobilização coletiva (BUENO E MACEDO, 2012).

Nesse processo, surge também o desejo do julgamento do outro, de ser reconhecido pelo outro. Assim, o reconhecimento assume um papel importante nas vivências de prazer e sofrimento no trabalho. Como é descrito por Nogueira e Brasil (2016), enquanto “o reconhecimento profissional oferece uma base sólida para o desenvolvimento da autoestima”, a sua falta contribui para o aparecimento de mal-estares nas relações de trabalho.

O ambiente de trabalho pode ser extremamente desgastante, devido às pressões e dificuldades impostas pelo trabalho, como metas impossíveis de serem alcançadas. As estratégias de defesa são formas que o sujeito encontra para lidar com essas dificuldades, mobilizando-se para agir diante do que lhe causa sofrimento. Dejours (1992) entende que o sofrimento pode ser criativo ou patogênico. Quando o sofrimento é criativo, o sujeito consegue mobilizar-se frente a situações desgastantes de modo a transformá-las em algo benéfico para si próprio, mas isso só é possível quando há certa flexibilidade na organização do trabalho e o sujeito pode expressar sua autonomia e liberdade. Mas quando não há flexibilidade, as estratégias de defesa não trazem benefícios para o sujeito e existem para tornar o trabalho suportável (BUENO E MACEDO, 2012).

Com foco na coletividade do trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho busca atuar no coletivo e não em indivíduos isolados (MERLO, 2002). Para tanto, utiliza-se um método de intervenção intitulado clínica do trabalho. Pautado nos princípios da pesquisa-ação, o método da clínica de trabalho desdobra-se sobre um trabalho de campo, deslocando-se e constantemente retornando a ele, seguindo uma série de etapas (HELOANI; LANCMAN, 2004).

3 METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos técnicos, segundo Gil (2008), trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, realizada com professores de uma escola pública do interior da Paraíba que trabalharam, ou ainda trabalham, na modalidade de ensino remoto no contexto da pandemia da Covid-19. O projeto foi elaborado e submetido na Plataforma Brasil e obteve um parecer consubstanciado favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), autorizando o início da pesquisa. Sendo este o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 49807621.8.0000.5187.

Para conhecer as vivências destes profissionais como trabalhadores remotos, seus discursos e principais queixas em relação a sua atuação, utilizou-se a técnica da entrevista semiaberta. Optamos por manter o nome da instituição em sigilo a fim de preservar a sua identidade para resguardar os profissionais, pois a escola está situada em uma cidade pequena. Foi selecionada uma escola de ensino fundamental do interior da Paraíba, tendo como critério para a escolha a disponibilidade da instituição e o interesse em participar da pesquisa. A escola tem 618 alunos matriculados, 35 professores que possuem vínculo com a instituição, 06 professores sem vínculo, 03 auxiliares administrativos e uma equipe de apoio composta por 07 profissionais, dispostos nos turnos da manhã, tarde e noite.

A princípio estabelecemos alguns critérios para a participação dos professores na pesquisa e solicitamos à instituição uma lista com os nomes e os contatos dos professores da escola. Contudo, durante a preparação para a coleta de dados, notou-se a necessidade de adaptar os critérios para que a pesquisa pudesse ser realizada dentro do prazo estabelecido e seguindo todos os protocolos definidos pelo Comitê de Ética para pesquisas online. Diante disso, o critério para participação na pesquisa passou a ser, por indicação da diretora e interesse do professor em participar, um professor por disciplina. Após obter os contatos dos professores, os convites foram formalizados e enviados individualmente via WhatsApp, com o link do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no formato PDF em anexo, para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. Foram consultados 9 professores e destes: 01 se recusou a participar, 02 não responderam, 06 concordaram em participar da pesquisa, mas apenas 05 apareceram para as entrevistas. Dessa forma, ao todo, 05 professores foram entrevistados. Seus nomes foram omitidos durante a análise e discussão dos resultados.

Tabela 1 - Perfil da amostra

Entrevistados	Idade	Sexo	Formação	Disciplina	Tempo de atuação	Carga horária semanal
Participante 1	40	Feminino	Letras (Inglês)	Língua inglesa	15 anos	20h
Participante 2	42	Masculino	Filosofia	Ética	6 anos	25h
Participante 3	45	Masculino	Educação Física	Educação Física	23 anos	25h
Participante 4	46	Feminino	Letras	Língua portuguesa	26 anos	(Não informado)
Participante 5	33	Masculino	Matemática	Matemática	16 anos	25h

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

A amostra é composta por 5 professores do ensino fundamental, sendo cada professor responsável por uma disciplina diferente. Dentre os 5 professores entrevistados, 3 são do sexo masculino e 2 do feminino, com a faixa etária média de 41,2 anos e que atuam como professores há, em média, 17,2 anos. A carga horária média semanal é de 23,75 horas.

A coleta de dados foi efetuada durante o mês de outubro de 2021. Realizadas virtualmente, de forma não-presencial, através da plataforma Google Meet, as entrevistas tiveram início apenas mediante a assinatura dos termos e foram realizadas com as câmeras desligadas. Além disso, foram gravadas com o auxílio de uma ferramenta digital e, posteriormente, transcritas. Devido às limitações impostas pelo distanciamento social, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização para Gravação de Voz foram adaptados para um formulário online e encaminhados aos professores. Essa medida justifica-se também a partir da necessidade de cumprir com os requisitos do comitê de ética para a realização da pesquisa. Os dados serão avaliados pela perspectiva da análise de conteúdo proposta por Laville e Dionne (1999), ordenados em categorias temáticas, e discutidos a partir de alguns conceitos propostos pela Psicodinâmica do Trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pandemia da Covid-19 tem proporcionado diversas mudanças nas relações de interações sociais e relações de trabalho, principalmente para a educação. Devido a suspensão das aulas presenciais, o cenário da educação brasileira tem passado por transformações e adaptações para garantir que os alunos mantenham o vínculo com a instituição de ensino. Contudo, este processo tem sido extremamente difícil e alguns dos seus impactos podem ser observados a partir das falas dos professores entrevistados para esta pesquisa. Os conteúdos das entrevistas foram analisados e divididos em seis categorias, descritas e analisadas abaixo.

4.1 Adaptação às tecnologias

A implementação do Ensino Remoto Emergencial como medida de prevenção à Covid-19 trouxe visibilidade à Educação à Distância (EAD), que até então era a realidade de uma pequena parcela da população brasileira. Apesar das suas diferenças, o ERE se assemelha ao EAD quanto ao uso da internet como principal ferramenta educacional. O processo de adaptação a essa nova modalidade de ensino tem sido um desafio para docentes e discentes. Lecionar e assistir aulas online é uma experiência totalmente diferente da sala de aula presencial, desde a preparação das aulas até a interação entre aluno-professor e aluno-aluno.

Entre o trabalho real e o prescrito, se encontra a ação do sujeito e é sobre essa ação que os estudos se debruçam. Dessa forma, a primeira coisa a se pensar é na ação do sujeito diante das circunstâncias e situações que tornam o trabalho difícil, pois é no agir que o sujeito deposita seu sofrimento, sua criatividade, sua inteligência prática e suas estratégias de defesa. Os estudos em Psicodinâmica do Trabalho evidenciam o sofrimento como uma condição inevitável para a vida humana (DEJOURS, 1992). A busca por estratégias de defesa trata-se justamente de ressignificar o sofrimento de modo a que se sinta prazer nesse fazer. Isso acontece de forma semi coletiva.

As defesas assumem um papel necessário para a continuidade do trabalho, pois permitem que o sujeito controle seu sofrimento e não adoça (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994 apud Medeiros et al., 2011, p.76). Nesse sentido, podemos analisar os discursos dos professores acerca do processo de implementação do ensino remoto, considerando a presença do sofrimento e da ansiedade frente às dificuldades encontradas no caminho. Isso é evidenciado nas falas dos participantes 3 e 1:

“Nesse período muito professor passou por transtorno né, de ansiedade, de síndrome do pânico, não tinha o hábito de trabalhar com essas ferramentas e foi muito difícil pra gente, foi muito difícil, mas superamos né. Frente a essa parte inicial superamos né, (inaudível) alguns colegas ainda tão passando por ajuda profissional né pra poder lidar com todo esse contexto da pandemia.” - Participante 3.

“Quando disseram assim “Vamos começar online”, eu disse “Pronto”, já não dormi, passei a noite sem dormir. “Meu Deus do céu, como vai ser isso? Como é que eu vou conseguir?”, que a gente na sala já é difícil, imagine online, que a gente não tá olhando pra eles, não tá chamando atenção, não sabe se realmente eles tão assistindo ou não, o que é que tão fazendo.” - Participante 1.

A falta de subsídios pode interferir diretamente na execução do trabalho e contribuir para o adoecimento do trabalhador. No caso dos professores entrevistados, quando questionados sobre o processo de adaptação para ministrar aulas online, eles responderam que foi um grande desafio e que não receberam nenhum tipo de treinamento por parte da prefeitura e da instituição, mas que recorreram a vídeos, tutoriais e *lives* para dominar o uso de plataformas e ferramentas digitais necessárias para a sala de aula online. Dessa forma, percebe-se que houve uma mobilização, uma construção de estratégias de defesas a partir da colaboração entre pares.

“O compartilhamento entre os companheiros tem ajudado muito, às vezes pergunta a um, quando obtém informação aí repassa aos demais né” - Participante 3.

“Com relação ao local de trabalho, no caso prefeitura, não teve treinamento de nada não. Foi na precisão. A gente vai mexendo na internet, um professor vai passando pro outro, vai dando dicas: “Abra esse aplicativo, assista esse vídeo”, pra poder conseguir aprender a mexer” - Participante 1.

Os trabalhadores constroem coletivamente estratégias de defesa para transformar o fazer, minimizar os danos e as pressões causadoras de sofrimento, tornando o fazer prazeroso. A noção de coletivo de trabalho para a PDT trata-se de um agrupamento que, por comunicação e identificação, cria novas regras de ofício. Tais regras fogem do que é prescrito, são informais e existem para tornar o trabalho possível.

Ainda sobre a ideia de coletivo, conforme proposto por Dejours (1992), o conceito de cooperação surge neste processo de criação e, mais especificamente, no compartilhamento de informações e novas regras de ofício, como mecanismo de enfrentamento do real para obter um resultado positivo para o coletivo. Assim como destacado pelos professores, a cooperação entre pares torna o trabalho menos difícil, menos complicado de ser executado. O ato de pensar em coletivo e compartilhar ideias e saberes, além de trazer resultado para o grupo, também fortalece as relações de trabalho. Apesar de inicialmente ter sido um grande desafio e de alguns professores terem recorrido à ajuda profissional para lidar com as dificuldades, a cooperação entre os professores foi um fator de extrema importância e contribuiu significativamente para a superação de parte dessas dificuldades, permitindo que o processo de adaptação ocorresse.

Dessa forma, observa-se as diferentes nuances do processo de ingresso no sistema ensino remoto e como, a partir do sofrimento despertado pela não-familiaridade com o ensino virtual, os professores se mobilizaram e trabalharam juntos, compartilhando informações e saberes, para tornar aquele trabalho possível para todos. Como Dejours (1992) afirma, o sofrimento pode se expressar por duas vias, de forma criativa (transformando a experiência em algo benéfico) ou patológica (em que não há benefícios para o sujeito). Nesse sentido, a mobilização subjetiva dos professores ocorreu pela via do sofrimento criativo, que em paralelo com a cooperação entre pares trouxe benefícios para o coletivo.

4.2 O sofrimento pelo distanciamento

Na instituição, as aulas são ministradas de forma online via aplicativo WhatsApp, pois é o aplicativo de mais fácil acesso para todos. O uso de outros aplicativos e ferramentas digitais não é proibido, mas também não é obrigatório. E apesar do desejo de alguns professores, a dificuldade de acesso dos alunos torna inviável o uso de outras ferramentas. Além disso, a escola adotou a iniciativa de disponibilizar atividades impressas para os alunos que não conseguem acompanhar as aulas online.

“A gente tem liberdade pra utilizar outras ferramentas, mas de forma oficial a gente usa muito o WhatsApp né, porque é o que os alunos têm mais acesso, pra facilitar essa troca, né, com eles. Aí ajudou bastante, sabe, porque simplificou o processo, eles têm também- e pode ter também acesso a atividade impressa.” - Participante 3.

E os motivos pelos os quais alguns os alunos não têm acesso às aulas são os mais variados, como conta o Participante 3:

“Pra você ter ideia teve aluno que ficou 30 dias (sem acesso às aulas) porque na casa dele faltou energia, então outros porque tavam sem celular, ou porque usa o wifi do vizinho, aí quando o vizinho não tava ele não tinha acesso, outros que iam pra um bar, só podia assistir aula no bar, e a gente escutava a zuada lá do- o barulho (inaudível) né, lá do pessoal conversando no bar né, esses problemas.” - Participante 3.

Infelizmente, de acordo com os professores, cerca de 30% dos alunos têm enfrentado dificuldades para acompanhar as aulas. Diante disso, resgatando, novamente, o conceito de estratégias defensivas proposto por Dejours, os professores têm se mobilizado e buscado alternativas para garantir que o processo de ensino e aprendizagem aconteça:

“Bem, a gente tem buscado as alternativas né, tentar simplificar o máximo algumas atividades né, fazer atividades mais simples, quando se vai passar um vídeo a gente busca o menor vídeo possível por conta da questão dos dados e tentando conversar com eles né, sempre conversas, estabelecer diálogo pra tentar fazer a nossa atividade- que na verdade o processo aconteça de ensino e aprendizagem. Então se não tiver diálogo com eles, o processo não acontece por conta das muitas dificuldades que eles têm.” - Participante 3.

A impossibilidade de realizar aulas práticas tem dificultado bastante o trabalho de alguns professores, como é o caso do Participante 3, responsável pela disciplina de Educação Física:

“(...) então perdeu todo o acesso à cultura corporal do movimento né, que é extremamente importante pro desenvolvimento deles né, desenvolvimento da criança, do adolescente, e também pra que ele entenda a importância de ter uma vida ativa, sua saúde física e mental, prejudica os professores da disciplina, mas, principalmente, o aluno é o maior prejudicado de tudo esse processo né” – Participante 3.

Apesar dos esforços dos professores, eles preveem que os impactos do Ensino Remoto Emergencial na educação trarão prejuízos a longo prazo:

“Sim, muito afetado (processo de aprendizagem) por todas as dificuldades que eu já coloquei pra você. A gente (inaudível) a questão da aprendizagem porque não existe ainda avaliações externas né que possam verificar, quer dizer, vão acontecer a longo prazo, mas o prejuízo com certeza será muito grande né.” – Participante 3.

“Na verdade, se você for pelo lado profissional, a insatisfação é de você pensar que esses, vamos colocar, 1 ano e 6 meses, foi uma perda enorme, onde pra poder recuperar isso aí e trazer de volta é... São anos e anos. (...) a gente não fala que foi perdido por inteiro né, claro que não, que o alunado fez a sua parte também, mas sabemos da realidade, sabemos que não é tão fácil pra o aluno, e alguns alunos principalmente que não tiveram esse acesso de forma justa” – Participante 5.

Outro ponto que tem sido foco da preocupação dos professores é a participação e a evasão dos alunos. Durante as entrevistas, alguns professores se mostraram preocupados com a qualidade da aprendizagem, se os alunos estão realmente aprendendo e o quanto do conteúdo eles estão absorvendo. De fato, a redução na interação dos alunos com os professores é agravada pelo fator online, visto que em uma sala de aula online torna-se mais difícil observar a participação dos alunos e a implicação deles com o conteúdo apresentado.

“As aulas geralmente não têm muita participação nem visualização, por contato com os alunos no caso, né. Salas geralmente silenciosas.” - Participante 2.

“Aqueles alunos que estão participativos, que estão naquela diária frequência de participação no online, beleza, você tem o contato, você tem a devolutiva deles. Mas existem muitos alunos que se afastam de repente e não dão o retorno mais, entendeu?” - Participante 5.

“Muitas vezes percebo que eles não estão com a gente naquele momento ali, mas assim, eu costumo dizer que isso é uma reprodução que a gente percebia na aula presencial. Porque na aula presencial, eu tenho uma turma de 20 alunos que estão lá sentados ocupando a cadeira e 3 ou 4 estão assistindo e todos os outros só estão presente e com a mente tudo vagando.” - Participante 4.

A Psicodinâmica do Trabalho, conforme Dejours (1992), observa justamente como os trabalhadores se comportam em situações de sofrimento para afastar o adoecimento mental. A preocupação dos professores com o prejuízo na comunicação com os alunos não desperta somente o sofrimento, como também afeta a observação dos resultados do seu trabalho. Os

resultados mostram-se importantes na medida em que estão diretamente relacionados aos conceitos de reconhecimento de utilidade e reconhecimento de beleza. O primeiro refere-se ao julgamento dado pela chefia e diz respeito às técnicas de execução do trabalho, enquanto o segundo está ligado ao julgamento de pares e assume uma natureza mais subjetiva e qualitativa, baseada em resultados. O prejuízo na execução do trabalho ou na verificação dos resultados obtidos pode interferir no sentimento de reconhecimento do professor. Quando há reconhecimento, há promoção de saúde mental e na sua ausência, o sofrimento se faz presente.

É evidente o sofrimento dos professores em relação ao prejuízo na comunicação com os alunos, principalmente ao demonstrarem incerteza quanto a eficiência do processo de ensino e aprendizagem. É no real do trabalho que eles colocam em prática alternativas para ampliar o alcance das aulas e incluir o número máximo de alunos, como a extensão de prazos de entrega de atividades, a elaboração de atividades impressas para quem não tem acesso ao celular e atendimento aos alunos fora do horário de trabalho. Mas até que ponto essas alternativas podem ser consideradas como estratégias de defesas eficazes? Tendo em vista que demandam uma carga de trabalho bem maior do que o prescrito e o planejado, muitas vezes, esses caminhos acabam por sobrecarregar os professores, que tentam a todo custo proporcionar um ensino de qualidade aos alunos.

4.3 Implicações do trabalho remoto na vida privada dos docentes

Como foi discutido anteriormente, alguns alunos enfrentam dificuldades para assistir às aulas, seja porque tem de dividir o celular com o irmão que também precisa assistir aula ou porque o único celular da casa pertence a mãe, que precisa do aparelho para trabalhar. Tendo conhecimento dessas dificuldades, os professores se desdobram para atender os alunos no horário em que estes conseguem acesso às aulas, o que muitas vezes ocorre fora do horário de trabalho dos professores.

A dificuldade em se desligar do trabalho é um fator que contribui significativamente para o esgotamento profissional.

“Não tem mais feriado, não tem mais domingo, não tem mais sábado, (inaudível) manda uma atividade fora do horário né, das aulas, (...) por conta dessas questões também né, “Professor, não tinha internet”, “Faltou energia”, “Meu vizinho não tava”, então eles mandam atividade no domingo, no sábado de manhã, na hora que

eles podem mandar e isso tem complicado muito a nossa vida, né. Porque você acaba ficando ligado 24h, não só eles, mas a escola também, a escola marca reunião amanhã, reunião a noite, reunião de manhã, reunião no sábado, manda mensagem no domingo pra gente se organizar, então a nossa vida tem sido 100% pra o trabalho né.” - Participante 3.

“Você estabelece um horário, mas em algum determinado horário um aluno lhe questiona, ele tem uma dúvida que precisa naquele momento e você não consegue dizer um “não” por naturalidade, então acaba tomando mais tempo do que era antes.” - Participante 5.

As condições de trabalho impostas pelo contexto pandêmico trouxeram mudanças para as relações de trabalho. Trabalhar de casa implica a perda da interação física com a direção, os colegas e os alunos, e proporciona certo distanciamento nas relações, afetando negativamente o desenvolvimento do trabalho. Para o Participante 2, a falta de uma educação virtual e de maturidade dos alunos são dois fatores que explicam o envio de mensagens de madrugada, nos finais de semana, em feriados.

“Como eu já lhe falei, não me incomoda né, desde que o aluno tenha paciência pra que eu responda também no horário que eu posso. O que acontece é que muitas vezes os alunos são impacientes, né, então eles mandam, mas já querem uma resposta imediata. Justamente porque a gente não tinha essa educação virtual ainda, a gente teve que ir aos poucos nivelando mas ainda não temos uma educação virtual pra essa questão, principalmente porque lidamos com pré-adolescentes, quase crianças, sexto ano até novo ano no meu caso, mas mais velhos mais adolescentes já entendiam melhor mas muitos outros não, a questão de que os pais chegam a noite e só tem acesso ao celular dos pais, tudo isso a gente tinha que considerar relevava o máximo possível né, no mais, pra mim particularmente não causa muito problema não.” - Participante 2.

Alguns professores conseguem manejar a questão do contato com os alunos, impondo limites e horários para responder, enquanto outros sentem muita dificuldade em dizer “não” e até mesmo para evitar o acúmulo de mensagens, acabam respondendo.

(...) A gente não tem horário de trabalho não. Porque eu termino minhas aulas, fecho as aulas na quinta-feira, quando é de noite, de madrugada, faz explodir o celular de mensagem. No outro dia, sábado, domingo, feriado, eles mandam atividade. Se você deixar juntar, não abrir e anotar, fazer as anotações de quem

entregou e quem não entregou, você vai acumulando e não termina de anotar não. Aí tem semana que você, pra ficar livre dessas mensagens, vai lá e responde, envia, e anota, faz as anotações de quem entregou e quem não entregou, embora a escola diz “Não responda em horário que não é seu de trabalho”, mas pra gente não deixar acumular, a gente vai e responde. Então, na verdade, o celular da gente virou nem mais- não virou mais algo pessoal (inaudível).” - Participante 1.

A rotina dos professores também tem sofrido alterações consideráveis, principalmente no que diz respeito à separação do espaço de casa do espaço do trabalho. Para alguns professores esta separação não existe. Em uma tentativa de preservar a vida privada e manter uma distância entre o trabalho e o ambiente de casa, o Participante 3 recorreu à aquisição de outro aparelho de celular, mas o resultado não foi o esperado.

“Eu tive que investir num outro telefone pra poder separar as minhas atividades privadas e do trabalho, que eu não tava conseguindo mais né, muitas turmas, a demanda muito grande e você- eu tava perdendo o senso do que era meu, do que era da escola, o que era trabalho, o que era privado e aí eu tenho outro telefone e mesmo assim eu ainda recebo mensagem no privado. - Participante 3.

Outro ponto a ser considerado é a hiperatividade profissional. Nogueira e Freitas (2015) admitem a este conceito a condição de dependência psíquica do trabalho e incapacidade de descansar. Como tem sido observado nas falas dos entrevistados, o sofrimento docente contempla sensações de esgotamento, sobrecarga, estresse, perda da vida privada e da identidade, dificuldade em separar o trabalho do ambiente de casa e se desligar.

Ultrapassar o horário de trabalho é uma prática que, a longo prazo, pode tornar-se destrutiva e trazer consequências sérias para a saúde mental. O descanso é essencial para manter o corpo e a mente saudáveis. De fato, manter-se conectado ao ofício 24h é, sem dúvidas, uma experiência extremamente estressante.

“E muitas vezes eles são muito desinibidos para postar uma pergunta ou questionário no grupo, e eles preferem pegar meu número que tá lá e vem falar comigo no privado sem se identificar. E eu fico “Quem é você? De qual turma você é?” (inaudível). E digo quando for fazer um questionamento pra me situar, escrever o nome, escola, e turma para eu me situar. E isso é uma rotina de trabalho durante a pandemia. Sobretudo, sobre a educação básica, a rotina, ela basicamente triplicou. Eu não tenho mais horário de trabalho, eu trabalho 24h. Até porque a

atividade no momento fala mais alto. (inaudível) Então é uma rotina estressante” - Participante 4.

4.4 O reconhecimento frente ao trabalho remoto

O reconhecimento assume um lugar muito importante para a Psicodinâmica do Trabalho, uma vez que, de acordo com Nogueira e Brasil (2016), “o sentido do trabalho se dá no campo do reconhecimento e expressa o retorno de todo o investimento feito no trabalho pelo sujeito”. Dejours (1999), conforme citado por (Martins et al, 2017), afirma que o reconhecimento se dá em duas esferas: de utilidade (um juízo vertical, proferido pela hierarquia) e de beleza (um juízo horizontal, proferido pelos pares).

Além disso, o reconhecimento está estritamente relacionado às vivências de prazer. Nogueira e Brasil (2016) apresentam duas condições para que o sofrimento seja transformado em fonte de prazer, são elas: quando o trabalhador encontra na organização condições possíveis para expressar sua criatividade e quando seus esforços são reconhecidos pelos outros. Conforme afirma Dejours (2008) apud Nogueira e Brasil (2016), às relações de trabalho se apoiam no esquema contribuição-retribuição. O trabalhador contribui com a organização na expectativa de ser retribuído de alguma forma e ter seus esforços reconhecidos. É nesse sentido que o julgamento expresso como reconhecimento, além de ser uma forma de retribuição e gratidão, também dá sentido ao investimento do sujeito no trabalho (NOGUEIRA E BRASIL, 2016).

Quando questionados sobre o reconhecimento dos seus esforços pelos colegas de trabalho, os professores entrevistados responderam que se sentem reconhecidos pelos colegas, pois há uma identificação entre os pares e um sentimento compartilhado quanto aos seus esforços.

“Sim, cada um sabe do sacrifício que tem feito pra tentar dar conta da demanda e esse sentimento é conjunto entre os companheiros.” - Participante 3.

“Então nós professores, em si, se você for parar pra observar, não tem união em algumas coisas, mas se for pra olhar a questão da atenção um com o outro aí sim, tem um olhar bacana de admiração e de cuidado.” - Participante 5.

“Mas em relação a quem trabalha comigo eles sabem do esforço que eu faço pra dar aula e que a direção da gente passa pra dar aula também.” - Participante 1.

No entanto, os professores, em sua maioria, não se sentem reconhecidos pelos alunos e falam sobre o assunto com tristeza.

“Pra falar a verdade, aluno nunca deu valor a professor, nunca deu. Às vezes eu me lembro que antes da pandemia você passava fim de semana preparando uma prova aí você chega pro aluno, entrega a prova pra ele, nem todos né, mas existia alguns que você entrega a prova pra ele, teve aquele trabalho de corrigir, aquele trabalho de digitar, aí o aluno rasga a prova na sua cara.” - Participante 1.

“A gente se sente triste, desmerecido, desrespeitado, desvalorizado, incompreendido e frustrado. Eu diria que a palavra maior é essa né, porque a gente vê no discurso que existe contra a educação, que é um discurso muito bom, recheado de promessas, mas é só pra (inaudível), na hora do tato mesmo, da sala de aula, do chão da sala de aula é totalmente diferente. E poderia ser, eu queria muito ver a diferença acontecendo e eu sei que a educação pode fazer a diferença, eu sou a prova viva de que a educação pode fazer a diferença, você pode estudar e conseguir o seu espaço. Mas infelizmente hoje a gente vê desmerecimento muito grande com a nossa profissão.” - Participante 4.

Para a professora Participante 4, a ausência do reconhecimento docente está relacionada também à precarização da profissão, observada na desvalorização dos salários, das condições de trabalho (em termos de carga horária e recursos), e na falta de apoio e incentivo ao trabalho docente.

“Não, acho que essa é sempre a grande questão dos professores né, essa ausência do reconhecimento. A gente sempre acha que tá fazendo demais, não sei se é uma percepção pessoal, e sendo reconhecida de menos, não é? Eu sempre percebo isso, que os nossos esforços eles nunca são reconhecidos e sobretudo do ponto de vista salarial né, porque pra você ter uma ideia praticamente nós bancamos o ensino durante a pandemia. não nos foi oferecido nenhum abono pra pagar energia, que a gente deu aula de casa, nada, os nossos aparelhos celulares que fomos nós que compramos né e quando eles quebraram fomos nós que trocamos, os nossos computadores... Então tem um tipo de reconhecimento do ponto de vista financeiro inclusive, não é? (...) A gente teve de comprar os equipamentos, no máximo a gente recebe uma caneta e um apagador, quando tem.” - Participante 4.

A ausência do reconhecimento é promotora de sofrimento mental. Os relatos dos professores apenas reforçam essa afirmação e mostram a importância da retribuição dos seus esforços, inclusive para dar sentido ao investimento no trabalho. No entanto, dois professores relataram estarem acostumados e terem aprendido a lidar com a falta de reconhecimento.

“A gente se acostuma. A gente queria reconhecimento por parte deles, mas eles não têm noção não até por conta da idade né, a gente tá vivendo num tempo em que adolescente não tá ligando pra muita coisa não.” - Participante 1.

“Bem, eu tenho 23 anos né de magistério, a gente acaba com o tempo aprendendo a lidar com a situação apesar de ser difícil né, porque todo profissional, ele quer ser reconhecido, principalmente quando ele faz um esforço sobre humano pra tentar cumprir o seu papel né, sem ferramentas, sem material pra trabalhar... Por exemplo, com essa (inaudível) a gente teve que melhorar a internet pra poder ter um suporte bacana pra chegar até os meninos né, celular, investimento num celular (inaudível)” - Participante 3.

Conforme discute Souza (2014), o conformismo pode ser interpretado como uma estratégia de defesa. Dessa forma, habituar-se com a ausência do reconhecimento pode ser considerada uma manifestação subjetiva de estratégias de defesa individuais, visto que se trata de algo que está além do controle dos professores: o julgamento externo, proferido pelo outro. Existem, também, fatores compensatórios. No caso da Participante 1, a falta do reconhecimento não a desmotiva, pois, a identificação com o trabalho age de maneira compensatória.

“Não, porque eu gosto do que eu faço. Agora se eu não gostasse, aí é outra história, mas eu gosto do que eu faço. Aí quando a gente gosta do que faz a gente não liga pra essas coisas não, a gente faz a parte da gente, sabe o que tá fazendo e pronto” - Participante 1.

4.5 O retorno parcial ao ensino presencial

Diante de uma medida tomada pela Secretaria de Educação do município, o retorno parcial ao ensino presencial foi anunciado à instituição e determinado para ter início no mês de outubro de 2021. Com todos os professores devidamente vacinados com as duas doses da vacina, os pais foram consultados quanto ao retorno das aulas presenciais e receberam um

termo de compromisso, cuja assinatura não foi exigida como obrigatoriedade. Sendo assim, apenas os responsáveis que autorizaram que o filho voltasse a frequentar escola assinaram o termo de compromisso. Dessa forma, a instituição agora lida com uma modalidade de ensino híbrido, na qual uma parcela dos alunos participa das aulas presenciais e a outra permanece no ensino online. Temerosos com a medida, os professores demonstraram-se insatisfeitos, visto que a decisão foi tomada ao final do ano letivo e sem qualquer diálogo com a classe. Além disso, para dar conta das aulas presenciais e online, os professores terão um trabalho redobrado.

“Eu me senti temerosa. Primeira porque a gente não foi consultada, não nos foi dado direito de fala, não houve uma consulta, uma preparação por parte da secretaria de educação para o inquérito com os pais, pra saber quais pais que gostariam que os filhos retornassem. Os pais precisam assinar um termo de compromisso e nós não fomos ouvidos né. Então a única pergunta que se fez foi “Vocês estão vacinados? Estão prontos pra voltar ao frontier, pra batalha”. Então eu fiquei um pouco preocupada porque justamente eu tenho- já vinha num ritmo com esses alunos que estão em casa no remoto, e esse ritmo vai ser quebrado porque eu não posso sobrecarregar minha carga horária pra além do que ela já é, até porque eu tenho outras escolas.” - Participante 4.

De acordo com Dejours (1987 apud. Barros e Mendes, 2013, p. 67), “as situações de medo e tédio são responsáveis pela emergência do sofrimento, que se reflete em sintomas como a ansiedade e a insatisfação”. O sentimento de medo expresso pelos professores decorre, em partes, da oscilação do número de casos confirmados de Covid-19 na cidade, pois o município tem enfrentado vários picos de contaminação. Tal aspecto reforça a insegurança dos docentes em retornar ao trabalho presencial. Existe o medo do vírus, a ansiedade, a insegurança e o receio de colocar em risco a saúde de outras pessoas, visto que o coronavírus têm uma taxa de transmissibilidade alta. A insatisfação dos professores com a decisão da Secretaria de Educação também está relacionada à falta de diálogo do setor com a classe educadora. Os docentes não foram consultados sobre a medida, sentindo-se, assim, silenciados em um momento em que suas vozes se fazem necessárias.

A preocupação dos professores também se estende para as condições de trabalho. Existe um receio quanto a aplicação das medidas de biossegurança necessárias para garantir a segurança dos funcionários e dos alunos. Devido a falta de recursos e infraestrutura, o retorno ao ensino presencial tem despertado certa insegurança nos professores.

“(...) A gente tem que retornar pras salas sabendo das limitações das escolas né, que não tem estrutura adequada pra receber esses alunos. Estão tentando fazer o máximo, mas, por exemplo, não tem banheiro divididos pra professores, funcionários, alunos. A gente não tem água nas torneiras né, falta água nas torneiras, material pedagógico também é escasso, apesar do esforço. Mas, infelizmente, a estrutura é muito pequena, a gente tem que lidar com a questão dos transportes né, desses alunos. (...) É outro desafio que a gente vai ter que assumir novamente. E tudo isso na pandemia né, vivendo também esse momento né, a gente tem vários casos de professores que vieram a falecer quando retornaram pra sala de aula né, então lidar com esse sentimento tem sido também muito difícil.” - Participante 3.

Como medida alternativa para tentar minimizar os danos e o sofrimento causado nos professores, a instituição tem consultado o Participante 5 em busca de orientações para manejar a situação da melhor forma possível. Na outra escola em que este professor trabalha, as aulas presenciais já foram retomadas há alguns meses e ele tem compartilhado a sua experiência com a direção para ajudar nesse processo de readaptação.

“O pessoal da escola e da secretaria me procurou porque lá na outra escola eu sou coordenador, (...) e aí eu já venho com uma experiência bacana de lá né, mais de 2 meses já no ensino híbrido, a gente já sabe (inaudível) como é que funciona. Então eu trouxe pra cá um pouco dessa experiência, e foi compartilhada com os professores e com o pessoal da coordenação” - Participante 5.

Novamente os professores têm se mobilizado coletivamente a partir da troca de informações e de experiências, a fim de manejar o sofrimento, facilitar o trabalho e afastar o adoecimento. Essa dinâmica de coletivo é fortalecida pela identificação e confiança estabelecidos pelo reconhecimento entre os pares. Apesar do sentimento de medo e de insegurança com a retomada do ensino presencial, a cooperação entre os professores ameniza, de alguma forma, o sofrimento vivenciado no trabalho.

4.6 O autocuidado e a gestão da saúde mental

Com a disseminação do Coronavírus, as aulas presenciais foram suspensas por tempo indeterminado, como medida protetiva, e retomadas apenas no meio do ano letivo. Em meio

às vivências de sofrimento e ansiedade causadas pela pandemia da Covid-19 e a paralisação na educação, o auto cuidado e o apoio psicológico tornaram-se essenciais para que os professores pudessem lidar com as mudanças na rotina de trabalho e com tudo o que estava acontecendo no mundo.

Dentre as práticas de autocuidado citadas pelos professores, o exercício físico domina a lista, estando presente na rotina de dois professores: Participante 3 e Participante 4. Quanto ao Participante 2, a prática do autocuidado se dá a partir da religião, da meditação e da espiritualidade. Para o Participante 5, cuidar de si mesmo é promover saúde mental, evitar a sobrecarga e buscar estar feliz, recorrendo às válvulas de escape quando necessário. A Participante 1, no entanto, reconhece que não tem cuidado de si mesma e que sua saúde mental tem piorado devido a questões pessoais que vão além do trabalho, mas ela tem pensado bastante em praticar o autocuidado.

No mais, o autocuidado tem sido uma prática importante para a promoção de saúde mental e de qualidade de vida dos professores. Estes reconhecem a necessidade de tirar um tempo para si, para respirar e aproveitar a vida, distanciando-se do estresse e das preocupações do trabalho.

“Eu tenho várias válvulas de escape, eu procuro estar feliz né, sempre fazendo coisas que eu gosto. E quando eu sinto que as coisas estão apertando, eu- não que você tenha que ser irresponsável, mas tem hora que você tem que largar as coisas um pouco e poder viver também porque se você não viver isso aí, amanhã vai ter alguém no seu lugar de boa pra lhe substituir e a única coisa que não é substituível são as pessoas importantes na sua vida que, primeiramente, a sua família.” - Participante 5.

Outro ponto evidenciado nas falas dos professores é a falta de apoio psicológico, a necessidade de um espaço de escuta, um acompanhamento profissional que proporcionasse um cuidado mais próximo do professor.

“Desse retorno acho que faltou muito isso, esse espaço de escuta do professor, esse cuidado com o professor, porque a gente cuida de tudo e quem é que cuida da gente? Quem é que motiva a gente? A gente é pra motivar, a gente é pra aprender, a gente é pra ser exemplo, salvar a vida do aluno e ser modelo né, (...) fazer tudo na vida do aluno. E quem nos salva? Quem nos ajuda?” - Participante 4.

Nesse sentido, percebe-se a importância da presença do psicólogo escolar nas instituições de ensino. O cuidado com a saúde mental deve ser promovido a todo custo e em todos os momentos. Apesar da instituição ter organizado uma palestra com uma psicóloga antes do retorno parcial ao ensino presencial, a ação foi voltada para o coletivo e os professores expressaram durante as entrevistas o desejo e a necessidade de um acompanhamento psicológico individual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 tem afetado a sociedade como um todo e em várias escalas, de modo que as relações sociais têm sido extremamente prejudicadas, assim como a saúde mental. No campo do trabalho não é diferente. Mediante a determinação de medidas de biossegurança, os trabalhadores precisaram se adaptar às mudanças no ambiente de trabalho e alguns passaram a trabalhar de casa, como é o caso dos professores. A suspensão das aulas presenciais trouxe mudanças para o paradigma educacional e levou as instituições de ensino a adotarem a modalidade de Ensino Remoto Emergencial como alternativa a esta medida.

Diante disso, buscamos conhecer as vivências de trabalho de professores do ensino fundamental no contexto da pandemia da Covid-19. Por meio de entrevistas, foi possível acessar as concepções dos educadores quanto ao ensino remoto. Observou-se que os conteúdos trazidos pelos professores se assemelham bastante, indicando que há, de certa forma, um entendimento mútuo das questões abordadas durante as entrevistas. Verificamos também que o processo de adaptação tem sido difícil, mas com a cooperação entre os professores na divulgação de informações sobre ferramentas e aplicativos a serem utilizados, tornou-se possível.

Além de estratégias defensivas coletivas, também observamos estratégias defensivas individuais, como a habituação à ausência de reconhecimento. Isso ocorre na medida em que o professor toma consciência de que a presença ou não de um julgamento positivo por parte do outro foge do seu controle e, subjetivamente, cria estratégias para defender-se do sofrimento. Além disso, a identificação com o trabalho surge como um fator compensatório, que dá sentido ao trabalho apesar da falta do reconhecimento dos seus esforços.

Dentre os aspectos que têm causado sofrimento nos professores, também destacamos o retorno parcial ao ensino presencial e a perda da vida privada acompanhada da sobrecarga de trabalho. A determinação da retomada das aulas tem causado medo, ansiedade e insegurança nos docentes. Eles não se sentem seguros em voltar à escola pela falta de estrutura e de recursos da instituição, assim como pelo medo de serem contaminados pelo coronavírus. E também há insatisfação pela falta de diálogo com a Secretaria de Educação, que tomou a decisão sem consultá-los. Além do mais, a retomada das aulas presenciais não implica na

descontinuidade do ensino remoto, ou seja, o ensino se tornará híbrido. A carga de trabalho será maior e os professores já se sentem sobrecarregados trabalhando de casa.

O autocuidado e a gestão saúde mental também surgiram como pontos de destaque, em que os docentes, em sua maioria, afirmaram exercer práticas de autocuidado. O apoio psicológico surgiu como um fator necessário para a classe, do qual eles sentiram falta durante esse período remoto e também durante a preparação para o retorno parcial ao ensino presencial.

Posto isso, ao fim das discussões, percebemos que o Ensino Remoto Emergencial apresenta nuances que devem ser avaliadas com atenção. Ainda é cedo para avaliar os impactos dessa modalidade de ensino no trabalho docente e no processo de aprendizagem, mas, a curto prazo, é possível observar prejuízos para a educação devido a fatores como a dificuldade de acesso às aulas, diminuição da participação e interação com o professor, a evasão dos alunos e as condições de trabalho precárias. Inclusive, a ausência das aulas práticas para algumas disciplinas como Educação Física, certamente, é uma questão que deve causar impactos negativos no futuro. Todos esses fatores têm tornado o ERE um verdadeiro desafio. É perceptível e compreensível a preocupação dos docentes com o futuro da educação e em como os prejuízos observados no processo de aprendizagem irão interferir no futuro da educação desses alunos.

Nesse sentido, identificamos que os professores têm passado por experiências difíceis desde a implementação do Ensino Remoto Emergencial, mas que diante das dificuldades encontradas no trabalho, eles se mobilizaram individual e coletivamente para afastar o adoecimento mental e tornar o trabalho executável. No entanto, surgem diversos questionamentos quanto aos impactos do ERE a longo prazo e de como essas mudanças no paradigma da educação serão recebidas pela sociedade no futuro. Acreditamos que ainda há muito a ser discutido acerca do tema e que os resultados obtidos possam apontar caminhos para novas pesquisas e discussões acerca das implicações da modalidade de ensino não-presencial para a saúde mental de educadores.

REFERÊNCIAS

- BAIENSON, Jeremy N.. Nonverbal overload: a theoretical argument for the causes of zoom fatigue.. **Technology, Mind, And Behavior**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 1-13, 23 fev. 2021. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/tmb0000030>.
- BARROS, Paloma Castro da Rocha, e MENDES, Ana Magnólia Bezerra. “Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil”. **Psico-USF**, vol. 8, nº 1, junho de 2003, p. 63–70. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusf/a/z5G86bTKZvNdSbHBnqnShrj/?lang=pt>>. Acesso em: 16 nov. de 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus Brasil, c2021. Página inicial. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- BRASIL. Ministérios da Educação e Saúde estabelecem protocolo para retorno seguro às aulas, 04 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/08/ministerios-da-educacao-e-saude-estabelecem-protocolo-para-retorno-seguro-as-aulas>>. Acesso em: 10 nov. de 2021.
- BUENO, M., & MACÊDO, K. B. (2012). A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. *ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 306-318.
- DEJOURS, C. (1992). A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho (5a ed.). São Paulo: Cortez; Oboré
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Production**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 77-86, dez. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65132004000300009>.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. Das Informações à Conclusão. In: LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. Cap. 8. p. 197-231.
- MARTINS M. *et al.* “A psicodinâmica do reconhecimento no trabalho de informática de terceirizados de uma instituição pública”. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, vol. 15, no 3, 2017, p. 244–51. Disponível em: < <https://www.rbmt.org.br/details/255/pt-BR/a-psicodinamica-do-reconhecimento-no-trabalho-de-informatica-de-terceirizados-de-uma-instituicao-publica>>. Acesso em: 16 nov. de 2021.
- MEDEIROS *et al.* Sofrimento e defesa: análise psicodinâmica do trabalho de monitoramento aéreo de trânsito. **Trivium**, Rio de Janeiro , v. 9, n. 1, p. 74-90, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Psicodinâmica do Trabalho. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (org.). **Saúde mental & trabalho: leituras**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Cap. 6. p. 130-142.

MORAES, José Rafael Barros De *et al.*. **O trabalho no contexto da pandemia da covid-19: isolamento social para quem?**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69153>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

NOGUEIRA, S. T. O.; BRASIL, K. T. R. O lugar do reconhecimento no trabalho docente. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 93-107, 2016. Disponível em: <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/153>. Acesso em: 5 jun. 2021.

NOGUEIRA, José Henrique Vilches; FREITAS, Lêda Gonçalves de. Psicodinâmica do estresse: estudo com trabalhadores de pesquisa, desenvolvimento e inovação. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 133-145, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572015000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 nov. 2021. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2015.2.553>.

OLIVEIRA, Aldimária Francisca P. de. *et al.* Educação a Distância no mundo e no Brasil. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 17, 20 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/17/ead-educacao-a-distancia-no-mundo-e-no-brasil>

PERES, Ana Cláudia. Movimento dos entregadores vem chamando a atenção para a precariedade das relações de trabalho nas plataformas digitais. **Radis**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 215, p. 16-24, ago. 2020. Disponível em: https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis215_web.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.

RAFAEL, Ricardo de Mattos Russo; MERCEDES NETO,; CARVALHO, Marina Maria Baltazar de; DAVID, Helena Maria Scherlowski Leal; ACIOLI, Sonia; FARIA, Magda Guimarães de Araujo. Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de Covid-19: o que esperar no Brasil? [epidemiology, public policies and covid-19 pandemics in Brazil]. **Revista Enfermagem Uerj**, [S.L.], v. 28, p. 1-6, 2 abr. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.49570>.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos; SILVA, Maria Elaine da; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: emergency remote teaching and university professors' mental health. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 237-243, fev. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9304202100s100013>.

SOUZA, Diego de Oliveira. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 2469-2477, jun. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11532020>.

SOUZA, Vanessa Alexandre de. Análise psicodinâmica do trabalho docente na rede pública estadual. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Dados pessoais e profissionais

Nome:

Idade:

Sexo:

Formação:

Carga horária:

Tempo de atuação como professor:

1. Há quanto tempo tem atuado na modalidade de ensino remoto?
2. Quantas disciplinas e turmas estão sob sua responsabilidade?
3. Você recebeu algum tipo de treinamento específico para atuar na modalidade de ensino remoto? Como cursos para utilização de ferramentas e plataformas digitais, por exemplo.
4. Como tem sido o processo de adaptação para ministrar aulas online?
5. Tem experimentado dificuldade de comunicação com colegas e alunos? Como tem lidado com tais imprevistos?
6. No *homeoffice*, tem conseguido separar o espaço de casa com o espaço do trabalho? Como isso tem influenciado na sua rotina?
7. Como é a sua relação com os colegas de trabalho e a instituição?
8. Como os seus esforços no trabalho são recebidos pelos seus colegas e alunos? Sente-se reconhecido?
9. Você tem praticado o autocuidado? Separado um tempo para cuidar da sua saúde mental, considerando a pandemia e as mudanças de rotina relacionadas ao trabalho?
10. Como a pandemia da Covid-19 tem interferido no seu trabalho? Além da mudança para o ensino remoto.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “**Vivências de Trabalho de Professores do Ensino Fundamental no Contexto da Pandemia da Covid-19**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Évelyn Morgana de Mélo Alves e do orientador Luann Glauber Rocha Medeiros, de forma totalmente voluntária, a qual pretende conhecer as vivências de trabalho de professores do ensino fundamental no contexto da pandemia da Covid-19, em uma escola pública do interior da Paraíba, e analisá-las a partir de alguns conceitos propostos pela Psicodinâmica do Trabalho.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

Esta pesquisa justifica-se a partir das discussões recorrentes acerca das implicações da pandemia nas relações de trabalho. Sua participação se dará por meio de entrevista e através da transcrição das respostas será realizada uma análise temática dos dados a fim de conhecer as vivências de trabalho dos professores nas condições impostas pela pandemia da Covid-19 e analisá-las a partir de alguns conceitos propostos pela Psicodinâmica do Trabalho. Apenas com sua autorização realizaremos a coleta dos dados.

O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, preservando a identidade dos participantes, lhe sendo resguardado a publicação das análises em boletins científicos, cumprindo as exigências da Resolução No. 466/12 do Conselho

Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Este ponto fica evidenciado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos participantes da pesquisa.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. (Res. 466/2012-CNS, IV.I.c)

Garantimos ao(à) Sr(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, seja por meio de encaminhamento aos serviços de saúde pública ou ainda com ressarcimento de custos financeiros (Item IV.3.g, da Res. CNS nº. 466 de 2012).

Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. (Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7)

Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário. (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº. 466 de 2012)

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica (Item IV.3.e, da Resolução CNS nº. 466 de 2012).

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.) Em metodologia experimental: Vide Resolução 466/2012, IV 4.

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com o orientador Luann Glauber Rocha Medeiros, e-mail: glauber.org@servidor.uepb.edu.br, no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, pelo telefone (83) 3315-3473. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande –PB, Telefone 3315 3373, e-mail: cep@setor.uepb.edu.br e da CONEP.

CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa “**Vivências de Trabalho de Professores do Ensino Fundamental no Contexto da Pandemia da Covid-19**” e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa **Vivências de Trabalho de Professores do Ensino Fundamental no Contexto da Pandemia da Covid-19** poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, as pesquisadores Évelyn Morgana de Mélo Alves e Luann Glauber Rocha Medeiros a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa Luann Glauber Rocha Medeiros, e após esse período, serão destruídos e,
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N.º. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande (____/____/____).

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável